O grito do salário

Conflito no mundo do trabalho em Tiago 4,13–5,6

A interpretação da Carta de Tiago tem tradição na América Latina. Foi um dos textos neotestamentários mais trabalhados entre nós[1]. A forma como Tiago valoriza a prática e a importância que tem no texto o pobre e o oprimido justificam este sucesso.

Mas, apesar da Carta de Tiago ter sido interpretada na América Latina, ela continua sendo ainda um texto misterioso. Não se sabe quem foi seu autor, quais as comunidades para a qual foi dirigida, em que região do império viviam ou sequer em que época. Tudo o que se afirma sobre Tiago é hipotético. A nossa interpretação de Tiago não pode ser "sociológica", como gostaríamos. Todas as referências ficarão necessariamente restritas ao texto mesmo.

Mas apesar de o texto não ter referências históricas e geográficas, ele traz alguns dos textos mais "concretos" do Novo Testamento como: "Eis que clama o salário que privastes dos trabalhadores que semeiam os vossos campos, e os gritos dos ceifeiros chegaram aos ouvidos do Senhor Zebaoth" (5,4). Como pode um texto tão diretamente relacionado a conflitos de classe, à relação trabalhador-patrão, ao problema da "mais-valia" e à distribuição de terra estar inserido numa das cartas mais desvinculadas de qualquer contexto histórico do Novo Testamento? Que chances teríamos de aclarar estes conflitos presentes no texto e de propor hipóteses que considerem a dinâmica interna do texto (já que não nos resta outra alternativa)? Quem são os proprietários de terra criticados no texto? Quem são estes trabalhadores rurais? E os mercadores de 4,13-17? Como o autor de Tiago (pela pessoa do autor sequer ousaremos perguntar!) articula e fundamenta a crítica que faz destes ricos?

1. Ver os textos de Elsa Tamez. *A carta de Tiago – Uma leitura latino-americana*. São Bernardo do Campo, Imprensa Metodista, 1985, 104 p.; Elementos bíblicos que iluminam o caminho da comunidade cristã – Um exercício hermenêutico da Epístola de Tiago. In: *Revista de Interpretação Bíblica Latino-Americana*, n. 1. Petrópolis, Editora Vozes, 1988, p. 64-71.

Primeiro gostaria de dar algumas linhas gerais de interpretação da carta de Tiago e em seguida interpretar a perícope de 4,13–5,6 na sua forma e estrutura e em relação a outras perícopes da carta que tratem da relação rico-pobre, o que certamente vai ampliar um pouco o nosso tema.

A CARTA DE TIAGO: UM ESCRITO SAPIENCIAL

Um motivo óbvio para a carta de Tiago não fazer referências à situação concreta de seus leitores se deve ao fato de Tiago ser um escrito sapiencial. Escritos sapienciais precisam ter validade ilimitada, não se apresentam (ainda que o sejam) como escritos circunstanciais, mas pretendem ter validade para muitas pessoas, em muitos locais.

Na forma literária temos uma carta repleta de recursos da retórica antiga. Na teologia e visão de mundo é um texto que se insere no horizonte sapiencial. Apesar de não existir uma teologia sapiencial uniforme, podemos inserir Tiago numa experiência e expectativa de vida sapiencial que era comum a escritos judaicos e cristãos (desde escritos sapienciais da apocalíptica, como o de 1Enoc, dos manuscritos de Qumran, até os ditos sapienciais de Jesus contidos na Fonte dos Ditos).

Um escrito sapiencial especialmente importante para a Carta de Tiago é o livro de Sirácida, uma obra sapiencial direcionada à observância da lei, escrita cerca de 190 aC em Jerusalém e que foi traduzida para o grego (é esta a versão que temos) em cerca de 132 aC no Egito para promover resistência ao helenismo. Tiago atualiza e reinterpreta intensamente o livro de Sirácida. Tiago não cita Sirac, ele respira a sua linguagem. Abaixo nós veremos a importância de Sirácida nas exortações sapienciais de Tiago sobre o conflito entre ricos e pobres.

OS TEMAS-CHAVE DA CARTA DE TIAGO

Na literatura exegética especializada existe um preconceito muito acentuado contra Tiago. Não nos referimos aos preconceitos teológicos que a carta sofreu por parte de reformadores e da teologia protestante. Refiro-me a um preconceito na interpretação moderna que mostra quanta má vontade existiu e ainda existe contra este escrito. Trata-se da tese de que a carta de Tiago é composta por exortações desconexas e agrupadas artificialmente, negando-lhe qualquer lógica e estrutura interna[2]. É como se o autor fosse tomando um dito aqui, uma metáfora ali, mais uma exortação qualquer, e no final tivesse nada mais nada menos que a nossa carta de Tiago.

Este preconceito leva à conseqüência de que uma parte do texto não teria implicações necessárias sobre outra parte. Um exemplo que nos toca mais diretamente: na perícope que nos propomos a interpretar não poderíamos nos referir a outros textos em Tiago que tratem do conflito entre ricos e pobres. Por quê? Porque se trataria de perícopes isoladas, sem nenhuma vinculação estrutural. Alguns exegetas afirmam que entre as diversas críticas aos ricos em Tiago não há qualquer inter-relação. Nós vamos contrariar este pressuposto. Este é apenas um

2. A tese é defendida por muitos especialistas. Para citar um clássico: Dibelius, Martin. *Der Brief des Jakobus (KEK)*. Vandenhoeck & Ruprecht, Göttingen, ^{6}1984 (também existe em inglês).

preconceito menor contra uma carta que sempre tem sido interpretada como "judaizante", como se o modelo paulino fosse o único possível e viável para o cristianismo primitivo e se alguma parte do Novo Testamento não refletisse profundamente cultura judaica.

A grosso modo podemos relacionar os temas da carta de Tiago assim:

– Sobre a carência de sabedoria e a distinção entre a verdadeira e a falsa sabedoria.

– Sobre o suportar provações e sofrimentos com paciência.

– Sobre a integridade das ações e palavras humanas. Tiago enfatiza que as pessoas não podem ser dúbias (de "coração duplo"), cheias de dúvida, com prática divorciada do discurso.

– Sobre a "verdadeira religião": o cuidar de viúvas e órfãos.

– E o que mais nos interessa neste estudo: A inversão de situação entre o pobre e o rico.

Todos estes temas estão apresentados de forma resumida na introdução da carta, em Tg 1,2-26. Ali Tiago apresenta a que veio com o seu escrito. Ao fazer isto ele está seguindo um costume comum no mundo helenístico (principalmente nas cartas) que era de apresentar um "guia de leitura" para os leitores no comecinho do texto (compare a mesma função no Evangelho de João 1,1-18). Todos os temas-chave estão presentes em 1,2-26:

a) O tema da perseverança e da paciência (v. 2-4) é retomado em 5,7-11.

b) O tema da sabedoria (v. 5-8) é desenvolvido em 3,13-18.

c) O tema do correto falar (v. 19-21) e do correto agir (v. 22-26) é desenvolvido em principalmente 2,14–3,12.

d) E o tema que mais nos interessa, o conflito entre pobres e ricos (v. 9-11) aparece em outros dois momentos: 2,1-13 e, por fim, 4,13–5,6.

É claro que estas divisões são muito esquemáticas e que os temas da carta se entrecruzam com muita freqüência. Mas o importante para nós é a constatação de que não podemos interpretar o texto de 4,13–5,6 sem antes ter considerado o conjunto de aparições do tema na carta de Tiago.

O EIXO HERMENÊUTICO DE TIAGO

Já no comecinho da carta Tiago lança a perspectiva a partir da qual vai abordar os conflitos entre ricos e pobres:

1,9-11

(v. 9) Orgulhe-se o irmão humilde (baixo) na sua altura;
(v. 10) Mas o rico (orgulhe-se) na sua baixeza,
porque passará como a flor da erva.
(v. 11) Pois o sol se levanta com o seu ardente calor,
e seca a erva e a sua flor cai,
e vai-se também a formosura do seu aspecto.
Assim também o rico será eliminado nos seus caminhos.

Tudo gira em torno de um "orgulhar-se". O rico da comunidade provavelmente se orgulhava da sua condição. O jactar-se é ação que caracteriza o rico e o

opressor já no Antigo Testamento. Os ricos, principalmente os comerciantes (como veremos no capítulo 4), são condenados pelas suas palavras arrogantes em Oséias 12,8-10 e Sofonias 1,11-13. O príncipe de Tiro, cidade enriquecida pelo comércio, profere palavras arrogantes em Ezequiel 28,2. E Sirácida 5, o livro sapiencial que Tiago relê "de ponta a ponta", também apresenta os ricos pronunciando palavras arrogantes:

(v. 1) Não confies em tuas riquezas
e não digas: Sou auto-suficiente.

(v. 3) Não digas: Quem dominará sobre mim?

(v. 4) Não digas: Pequei; o que me aconteceu?

A intenção de Tiago é de colocar as coisas nos eixos: Quem tem direito a se orgulhar é o pobre porque ele é o objeto da salvação de Deus. Ao rico cabe orgulhar-se da sua humilhação. Não devemos passar por cima da ironia amarga de Tiago. Ela não está dizendo que o rico humilde, enquanto tal, está sendo aceito por Deus. Não! A afirmação é radical, pois "o rico será eliminado nos seus caminhos". Para expressar a fragilidade do rico o texto se utiliza de metáforas vegetais (são as preferidas para descrever a queda do rico: ver Sirácida 3,28 e 10,15). Que imagem poderia ser mais cruel que a da erva que se seca sob o sol ardente?

Tiago está pronunciando juízo sobre o rico e salvação sobre o pobre ao inverter a posição entre ambos. Este é um esquema tradicional na Bíblia de expressar a esperança de salvação dos oprimidos que, apesar de parecer muito "vingativo", reflete o clima conflitivo no qual eram feitas estas afirmações[3]. Em Sirácida 10,14-15 encontramos:

(v. 14) O Senhor derruba do trono os poderosos
assenta os mansos (ver Mt 5,5) nos seus lugares.

(v. 15) O Senhor arranca a raiz dos orgulhosos
e planta os humildes em seu lugar.

Não podemos deixar de citar a mais famosa releitura cristã desta esperança colocada na boca de Maria, em Lucas 1:

(v. 51) [O Senhor] agiu com a força do seu braço,
dispersou os homens de coração orgulhoso.

(v. 52) Depôs os poderosos dos seus tronos,
e a humildes exaltou.

(v. 53) Cumulou de bens a famintos,
e despediu ricos de mãos vazias.

3. Esta forma de contrapor o rico e o pobre também foi usada para apresentar a esperança de povos oprimidos no império romano, por exemplo: Roma será humilhada e os asiáticos (os orientais) serão exaltados. Sobre esta versão mais politizada ver NOGUEIRA, Paulo Augusto de Souza. A realização da justiça de Deus na história – Algumas considerações sobre a tradição da inversão escatológica no Apocalipse 18. In: *Revista de Interpretação Bíblica Latino-Americana*, n. 11. Editora Vozes, Petrópolis, 1992, p. 98-104.

Tiago vai desenvolver esta inversão entre ricos e pobres em outros dois momentos mais concretos. Aqui ele nos dá o seu eixo hermenêutico: O pobre será exaltado, ele é o único que tem direito a "orgulhar-se".

RICO E POBRE EM CONFLITO NA COMUNIDADE

No capítulo 2, Tiago apresenta uma situação concreta de conflito entre ricos e pobres. Ele se refere ao rico que entra na comunidade, provavelmente no culto, e é recebido com honrarias. Estas honrarias são expressas com a designação do lugar do rico: "Tu, senta-te aqui neste lugar bom" (v. 3). Ao pobre é designado o pior lugar: "Tu, fica em pé ali, ou senta-te abaixo do estrado dos meus pés". Não podemos deixar de notar que a narrativa é uma caricatura que, com bom humor, exagera a situação: O pobre teria que se sentar abaixo do móvel de pôr os pés! A forma de distinguir rico e pobre, ou seja, o demonstrativo de status social, também é descrita de forma muito plástica: O rico veste "roupa luxuosa" e o pobre anda de "roupa imunda". Se a forma de descrever a situação é muito simplista e artificial, o problema que estava em jogo nesta discussão parecia atingir em cheio a vida dos pobres da comunidade de Tiago.

Na perícope (2,1-13) a raiz grega *krin-* (*krínomai* "julgar") aparece seis vezes. Só no v. 4 são duas aparições. Ele pergunta: "Não fazeis distinção (*diakrin-*) entre vós mesmos? Não vos tornastes juízes (*krit-*) de pensamentos maus?" Ele pergunta como se, ao designar lugar a cada um no culto, se estivesse fazendo um julgamento, o qual, segundo o autor, é mal feito e injusto. Tiago é muito irônico com estes que favorecem ao rico, e que, ao favorecê-lo, são maus juízes. No v. 6 aparece a raiz *krin-* novamente:

> "Não são os ricos que vos oprimem
> e que vos arrastam para os tribunais (*krit-*)?"

Aqui emerge outro contraste no texto. Enquanto o pobre dá o melhor lugar ao rico que entra na "vossa sinagoga" (a dos pobres), o rico "arrasta" o pobre para os tribunais. Há uma contraposição de esferas: a do rico é o tribunal, que oprime, a do pobre é a sinagoga, lugar de salvação. Na sinagoga o rico é tratado com distinção, enquanto no tribunal o rico o julga. Também podemos constatar que o rico que oprime não está fora da comunidade, ainda que a sinagoga seja a "vossa sinagoga", a do pobre.

Tiago aplica aqui pela primeira vez a teologia que apresentou em 1,9-11. O rico tem na sociedade o "direito" aos melhores lugares, mas na "vossa sinagoga" o pobre é que deve ganhar o lugar de honra. Salta à vista a incoerência de Tiago, quando diz "não tenhais a fé em nosso Senhor Jesus Cristo da Glória em diferenciação de pessoas" (v. 1). Era de esperar que ele dissesse que o rico e o pobre devessem sentar-se lado a lado, sem distinção de roupa, de posição social, etc. Tiago não tem uma postura igualitária, ele é fiel ao princípio – expresso no capítulo 1 – de inversão entre pobres e ricos: "Não escolheu Deus os pobres do mundo para serem ricos na fé e herdeiros do reino que prometeu aos que o amam?" (2,5). Deus, ele mesmo, faz acepção de pessoas. Justiça acontece, quando o oprimido recebe o melhor lugar!

RICO E POBRE EM CONFLITO NO MUNDO DO TRABALHO

Finalmente chegamos ao nosso texto que é o terceiro *flash* sobre o tema de conflito rico x pobre na carta de Tiago. No primeiro, o autor apresenta o seu eixo de interpretação, de que ricos e pobres trocam de lugar: O pobre se glorie na sua exaltação e o rico na sua humilhação. Na segunda aproximação, Tiago aplica este princípio para julgar a prática comunitária onde o rico era favorecido em detrimento do mais pobre. No espaço do pobre (a sinagoga), o rico é preferido e recebe a palavra de Deus, no espaço do rico (o tribunal) o pobre é explorado. Mas Deus faz do pobre, conforme a regra de 1,9-11, "herdeiro do reino" (2,5).

Agora em 4,13–5,6 Tiago faz mais uma abordagem ao tema, desta vez dentro do mundo do trabalho.

Vamos comentar o texto e descobrir suas linhas de sentido:

(4,13) Atenção agora, vós que dizeis: Hoje ou amanhã iremos a tal cidade e ficaremos ali um ano e negociaremos e lucraremos".

O texto começa com a interjeição "atenção agora" (*age*) que quer despertar o leitor, chamar a atenção a algo urgente. Ele vai ser repetido em 5,1, o que vai demonstrar que o texto toca bem no meio da ferida.

Em seguida aparece um monólogo do rico arrogante, ao qual a exortação deste texto é dirigida. Como vimos acima, os ricos, e em especial os comerciantes, é que são caracterizados na Escritura como os pronunciadores destes monólogos onde frisam sua independência diante das circunstâncias e, antes de tudo, de Deus. O rico diz em Lucas 12,19: "Tens em depósito muitos bens para muitos anos: descansa, come e bebe, e regala-te".

Apesar de o monólogo seguir um esquema fixo, o seu conteúdo revela um pouco da condição confortável dos ricos mercadores da comunidade de Tiago: Eles podem planejar o seu futuro, seus negócios e seus lucros. Os ricos mercadores acreditam poder comprar o poder sobre *cronos* com o seu dinheiro.

(4,14) Vós não sabeis o que será da vossa vida amanhã! Pois sois vapor que aparece por um momento, porém depois desaparece.

Apesar de todos os planos do rico, o dom mais precioso e do qual dependem todos os empreendimentos humanos está nas mãos de Deus: a vida. Só Deus sabe o que será da vida de uma pessoa, do seu trabalho de seu possível sucesso ou fracasso. Jesus respondeu ao rico em Lucas 12,20: "Louco, esta noite te pedirão a tua alma; e o que tens preparado, para quem será?" Tiago expressa a transitoriedade do rico através da metáfora do vapor, da neblina. Aqui ele reforça a metáfora da flor da erva usada no capítulo 1. Interessante notar que Tiago não se refere simplesmente à transitoriedade do ser humano em geral, o que ele poderia bem ter feito. Tiago se detém, no entanto, na transitoriedade e fragilidade do rico ("sois vapor...").

(4,15) Ao invés de dizer: "Se o Senhor quiser, viveremos e faremos isto ou aquilo".

Neste verso encontramos o que Tiago queria que os ricos dissessem! Nesta frase temos muito mais que uma declaração de humildade, ela representa a dependência do pobre de Deus que o alimenta dia a dia. Na oração do pobre se

manifesta a consciência de dependência de Deus: "o pão nosso cotidiano dá-nos hoje..." (Mt 6,11).

> *(4,16) Agora, porém, vos orgulhais nas vossas arrogâncias. Todo orgulho deste tipo é mau.*

Aqui encontramos a confirmação da nossa suspeita de que em 1,9 estava implícita a arrogância dos ricos, que deveria ser então invertida. A expressão "vos orgulhais nas vossas arrogâncias" é hiperbólica.

Alguém poderia argumentar: O texto critica somente o rico arrogante, mas não estaria criticando o rico que é humilde. Esta argumentação não vale. Não podemos distinguir a crítica aos ricos arrogantes de uma crítica aos ricos e ao acúmulo de riquezas. A arrogância e as palavras arrogantes pronunciadas pelos ricos constituem a interpretação profética da riqueza, como ele a entende, sem que possamos dissociar uma da outra.

Tiago reinterpreta Sirácida 26,29–27,2:

> *"Dificilmente um negociante afasta-se da culpa*
> *e o taberneiro não está isento do pecado.*
> Muitos pecam por *amor ao lucro,*
> aquele que procura enriquecer-se mostra-se implacável.
> Entre as junturas das pedras finca-se a estaca,
> *entre a venda e a compra introduz-se o pecado".*

Não podemos sustentar o cinismo de intérpretes que comentam sobre o texto: "Nada indica que Tiago considere o praticar comércio e o conseguir lucros como algo negativo"[4].

> *(5,1) Atenção agora vós, ricos, chorai lamentando-vos sobre as desgraças que estão chegando sobre vós.*

Aqui aparece o segundo "atenção" renovando o apelo ao leitor a que atente nestas palavras de juízo. O grupo criticado é ampliado. Debaixo do "chapéu" dos ricos cabem igualmente os mercadores criticados acima no v. 4.

Tiago amplia o tema da inversão entre ricos e pobres denunciando as injustiças cometidas pelos ricos e o seu julgamento. O juízo definitivo parece estar chegando ("...desgraças que estão chegando até vós").

> *(5,2) A vossa riqueza apodreceu e as vossas vestes estão comidas por traças.*
> *(3) O vosso ouro e a vossa prata estão enferrujados e a ferrugem deles será testemunha contra vós e comerá as vossas carnes como fogo. Entesourastes para os últimos dias!*

O texto passa agora a narrar o juízo dos ricos, primeiro descrevendo a ruína e o deterioramento das coisas que eles amam: prata e ouro. Prata e ouro enferrujados são prata e ouro estocados, guardados (veja Sirácida 29,10), fruto de

4. FRANKENMOELLE, H. *Der Brief des Jakobus, Kapitel 2-5* (OeTK 17/2). Gütersloher Verlagshaus/Echter Verlag, Gütersloh/Würzburg, 1994, p. 637.

lucro. O fato de o metal precioso estar estocado é que será "testemunho" contra os ricos, ele está "entesourado" para os "últimos dias".

Tiago é mestre na arte de ironizar. A veste do rico que, como havíamos visto no capítulo 2, é demonstrativo de status social, é agora "comida por traças".

Anúncio de juízo semelhante encontramos nas parêneses do livro de Enoc:

"Ai dos que constroem opressão e injustiça!
Que fazem fundamentos para a falsidade.
Eles serão demolidos brevemente
e eles não terão paz.
Ai de vós que construís vossas casas com pecado!
Por isso elas serão demolidas desde o alicerce
e eles cairão pela espada.
Aqueles que adquirem prata e ouro
serão destruídos em breve.
Ai de vós, ó ricos!
Pois pusestes vossa confiança na vossa riqueza.
Vós sereis esgotados pela vossa riqueza,
porque não vos lembrais do Todo-Poderoso.
Nos dias da vossa riqueza vós cometestes opressão.
Vós vos tornastes prontos para a morte,
para o dia das trevas
e para o dia do grande julgamento" (94,6-9).

Os temas comuns com Tiago são: denúncia da opressão cometida pelo rico, referência a ouro e prata e que os ricos estão prontos para o juízo.

(5,4) Eis que clama o salário que privastes dos trabalhadores que semearam os vossos campos, e os gritos dos ceifeiros chegaram aos ouvidos do Senhor Zebaoth.

O lucro dos ricos não vem somente do comércio. Eles possuem latifúndios, nos quais trabalham diaristas. Se para o latifundiário este salário "privado/retido" é lucro certo, para o trabalhador diarista a ausência deste salário é sinônimo de fome e miséria.

Tiago expressa sua indignação com linguagem do Antigo Testamento. Javé dos Exércitos (Zebaoth) é contra os que "oprimem o assalariado" (Ml 3,1-5). A lei proíbe oprimir o estrangeiro, a viúva e o órfão porque "se o afligires e ele clamar a mim, escutarei o seu clamor, minha ira se acenderá e vos farei perecer pela espada" (Ex 22,22-23). Em Tiago é o salário que clama (ver o sangue de Caim que clama em Gn 4,10). Novamente Tiago relê o Sirácida:

"Escasso alimento é o sustento do pobre,
quem dele o priva é um homem sanguinário.
Mata o próximo o que lhe tira o sustento,
derrama sangue o que priva do salário o diarista" (34,21-22).

"A oração do pobre vai direta aos ouvidos de Deus
e o seu julgamento virá sem demora" (21,5).

*(5,5) Vós vos deleitastes sobre a terra
e vos entregastes aos prazeres.*

Alimentastes os vossos corações no dia da matança.
(6) Condenastes, assassinastes o justo:
Ele não vos oferece resistência.

Enquanto o pobre passou fome e privação pelo salário "retido", o rico se deleitou, se divertiu e "engordou" o coração com a morte do pobre.

O pobre é "condenado", "assassinado" pelo rico e não tem poder de resistir. No capítulo 2 lemos que os ricos "arrastam" os pobres aos tribunais, que eles os "oprimem".

O "dia da matança" é uma referência a Jr 12,3, mas é aqui usado no sentido de dia de matança do pobre, do oprimido, e não de juízo sobre os opressores.

Neste texto temos dois tipos de denúncia profética contra os ricos (e em especial contra os comerciantes): Primeiro eles são condenados pela sua arrogância e pela pretensão de dominar sobre o tempo e sobre a vida, planejando lucros e bons negócios; depois é anunciado juízo sobre eles por oprimirem ao justo, por "condená-lo", "assassiná-lo".

Contrasta no texto a prepotência do rico que planeja os seus negócios e os seus lucros, com o pobre que tem a paga de um dia de trabalho "retida"; a arrogância dos que têm dinheiro para planejar negócios e lucros em contraste com trabalhadores rurais que mal podiam planejar o dia seguinte. Enquanto o pobre passa fome, o rico acumula "ouro e prata", se regala e "alimenta" o seu coração na morte do oprimido.

O texto fala de ricos em dois diferentes contextos: em 4,13-17 o rico é viajante e comerciante, em 5,1-6 ele parece ser mais um latifundiário. Trata-se de uma contradição no texto? Teríamos dois grupos distintos de ricos? Ou a crítica aos ricos é "puramente tradicional" e soma tradições bíblicas diferentes para fazer uma crítica aos ricos em geral? A nossa tese é que este texto trate de ricos concretos e que na seleção de tradições e expressões para descrevê-los tem como ponto de referência o perfil dos ricos criticados. É perfeitamente normal que estes comerciantes ricos fossem também proprietários de terra, pois o possuir terra era um indicador de *status* indispensável no mundo mediterrâneo. Uma família só era considerada rica se ela possuísse latifúndios. O Império Romano era um império agrícola. Não é improvável que comerciantes prósperos e arrogantes também oprimissem trabalhadores rurais que trabalhavam em suas terras.

TESE

Tiago é um cristão que pratica uma religião sapiencial de observância piedosa da lei. Não devemos harmonizá-lo com Paulo. Paulo não é critério para definir a legitimidade da fé. Apesar das diferenças em relação a Paulo, Tiago faz uma mediação importante entre Paulo e os cristãos "sob a lei". Ele faz uma releitura de Paulo que corrige alguns exageros desenvolvidos por cristãos pós-paulinos, como o de que a fé dispensa obras de justiça.

A comunidade de Tiago congregava-se em uma sinagoga de uma cidade de médio a grande porte da diáspora (provavelmente na Síria, mas não é impossível pensar na Ásia ou no Egito). Pelo fato de se reunir em uma comunidade mais ampla, mais estruturada, como a sinagoga (talvez até em um prédio de sinagoga), eles se constituíam de um grupo muito heterogêneo (alguns "têm sabedoria",

outros não a têm; ricos e pobres). Freqüentavam a sinagoga também ricos que gozavam de privilégios especiais (provavelmente do governo comunitário e da liderança). Estes mesmos ricos eram magistrados locais (ou bem representados junto a eles), eram prósperos comerciantes, que como bons ricos do mundo mediterrâneo tinham latifúndios, onde alguns dos membros da sinagoga trabalhavam como diaristas, sendo por estes oprimidos.

Tiago escreve para despertar a consciência destes cristãos empobrecidos: a sinagoga é deles e eles têm acesso à sabedoria que vem do alto. O rico opressor tem que ser colocado no seu devido lugar: Está destinado para o juízo. O pobre é "herdeiro do Reino". Para Tiago não pode haver "coração duplo", falar falso ou diferença entre o falar e o agir: ele exige integridade de ações e de palavras. O mesmo ele exige na relação entre ricos e pobres: eles devem inverter suas posições não só dentro da vida comunitária (ilustrada na distribuição dos lugares na hora do culto), mas também no mundo do trabalho.

A carta de Tiago pode ser datada entre os anos 80 e 100 dC.

Paulo Augusto de Souza Nogueira
Rua Padre Vieira 52
Bosque
13015-301 Campinas – SP